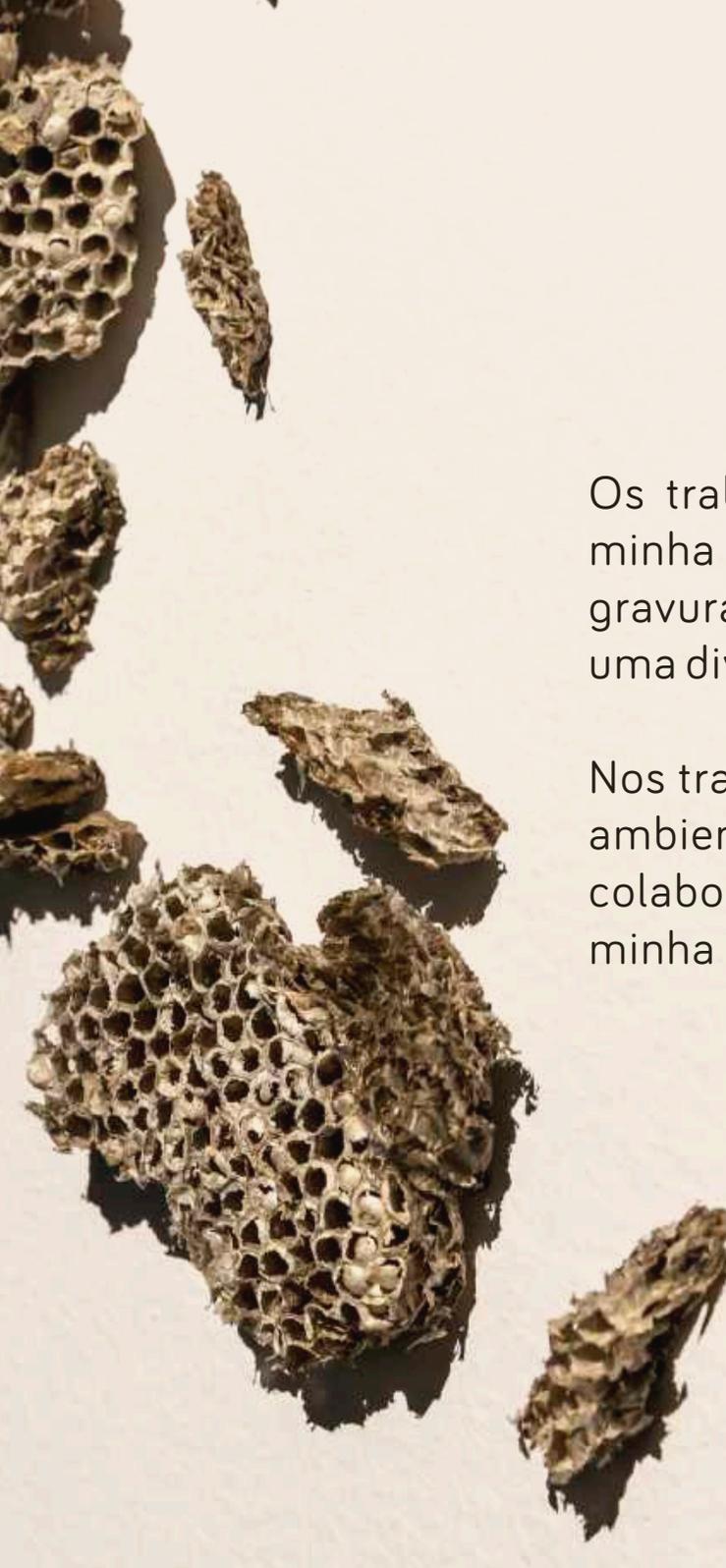




Silvana Macêdo
PORTFÓLIO



Silvana Macêdo

PORTFÓLIO

Os trabalhos aqui incluídos são representativos de diversas fases da minha trajetória iniciada na década de 1990. As séries de pinturas, gravuras, fotografias, instalações e vídeo instalações são alinhadas a uma diversidade temática e conceitual que me instigaram neste percurso.

Nos trabalhos percebe-se o reflexo das minhas pesquisas sobre estética ambiental, diálogos entre arte e ciência, discussões feministas, questões colaborativas, autobiográficas, sociais e políticas, que impulsionam minha produção artística e teórica.

Como coloca a jornalista catarinense Néri Pedroso:

No seu conjunto, as obras consubstanciam linguagem, formas, ritmos, tessituras, objetos e imagens que afirmam uma poética traduzível por uma unidade capaz de fazer pensar a vida, o tempo, a arte, a ciência, a natureza, o materno e o feminino, a comunidade, a finitude, o transitório.

lab, 1998

Vídeo instalação

Henna Asikainen e Silvana Macêdo

Esta instalação refere-se às interrelações entre arte, natureza e observação científica. A obra é constituída de dois elementos justapostos: um microscópio fixo à uma parede e uma vídeo projeção. Através tdo microscópio observa-se uma vespa cujo corpo é atravessado por um alfinete. A projeção de vídeo, na parede oposta, mostra a imagem microscópica de uma pétala que se dissolve lentamente em uma série de imagens semelhantes.











emerging case

[Caso emergindo, caixa emergente ou que surge...], 1998

Vídeo instalação

Instalação com atmosfera intimista que explora temas ligados à morte, melancolia, e a dissolução ou volatilidade do significado (na linguagem/ obra) e sua distância temporal de um (inacessível) significado 'original' ou essencial. Ao entrar no espaço da instalação, observa-se a sombra de um esqueleto humano que se projeta em uma parede, e que assemelha-se a um inseto. Outra sombra divide o espaço com um foco de luz que é emitido de dentro de uma caixa de madeira. Dentro da caixa foi montado um jogo de espelhos que reflete múltiplas imagens de crisálidas de borboletas (vazias), dando a impressão de um espaço que se estende infinitamente. As crisálidas vazias são apenas o resíduo de uma transformação. A obra não apresenta a borboleta, um símbolo de transcendência, mas a indicação de um processo que há muito se passou, que não se pode agarrar, e ao qual só se pode referir depois que já se foi. Entretanto, através deste fragmento, podemos refletir sobre esse processo.

O esqueleto humano também pode ser visto como uma ruína, um fóssil. É um símbolo usado por Walter Benjamin, com referência à relação dialética entre a natureza e a cultura, onde o esqueleto humano é um emblema para a 'face hipocrática da história'.







nest

[ninho], 1999

vídeo instalação

Esta obra consiste em duas vídeo projeções separadas e justapostas em uma sala escura.

As imagens usadas nos vídeos foram retiradas e (re-editadas com autorização) de um documentário de vida selvagem intitulado 'As Dez Serpentes mais Venenosas do Mundo', produzido por Partridge Films Ltd. Um dos vídeos mostra o nascimento de serpentes, rompendo a casca dos ovos lentamente. A transferência das imagens do contexto construído pelo documentário de vida selvagem para o espaço da galeria de arte, transforma seu conteúdo ou modo pelo qual elas podem ser interpretadas.

A bolha de vidro através da qual um dos vídeos é visto, nos remete à magicalidade do olhar curioso infantil através de lentes de aumento, mas também refere-se ao olhar científico. No discurso científico, a natureza é avaliada e classificada através da aplicação de tecnologia e de métodos científicos, que estão longe de serem objetivos ou neutros, mas muito pelo contrário, muitas vezes demonstram apenas o que esperamos e precisamos encontrar. Um segundo vídeo é projetado no canto da sala, na parede perto do chão e apresenta a imagem estática de um ninho - pilha de ovos, por aproximadamente 4 minutos. Os vídeos são sincronizados, e quando as imagens projetadas na semi-esfera de vidro completam o ciclo, aparece a imagem de serpentes no ninho, que dura apenas alguns segundos.







memory suspect

[memória suspeita], 1999 - 2000

Vídeo, 5 min - dimensões variáveis

Henna Asikainen e Silvana Macêdo

*som de :zoviet*france:*

Memória suspeita foi uma obra comissionada pela Site Gallery, Sheffield, UK, em 1999. A vídeo instalação é construída a partir da manipulação de imagens apropriadas de filmes clássicos da história do cinema, como Nosferatu, Cross Fire, L'Aneé Dernière a Marienbad e M. No início uma cortina de um vermelho brilhante se abre, (sendo esta a única cor deste vídeo), para revelar uma sequência de imagens do interior de uma casa vazia, com longos corredores, de onde sombras emergem e se vão.

O 'teatro de sombras' funciona como uma metáfora (platônica) para memória, são imagens fugidias e pouco nítidas, contidas em espaços íntimos, acumuladas com o tempo. Uma atmosfera onírica é criada ao longo dos 5 minutos de duração do vídeo. O som foi produzido pela banda de música experimental :zoviet*france:





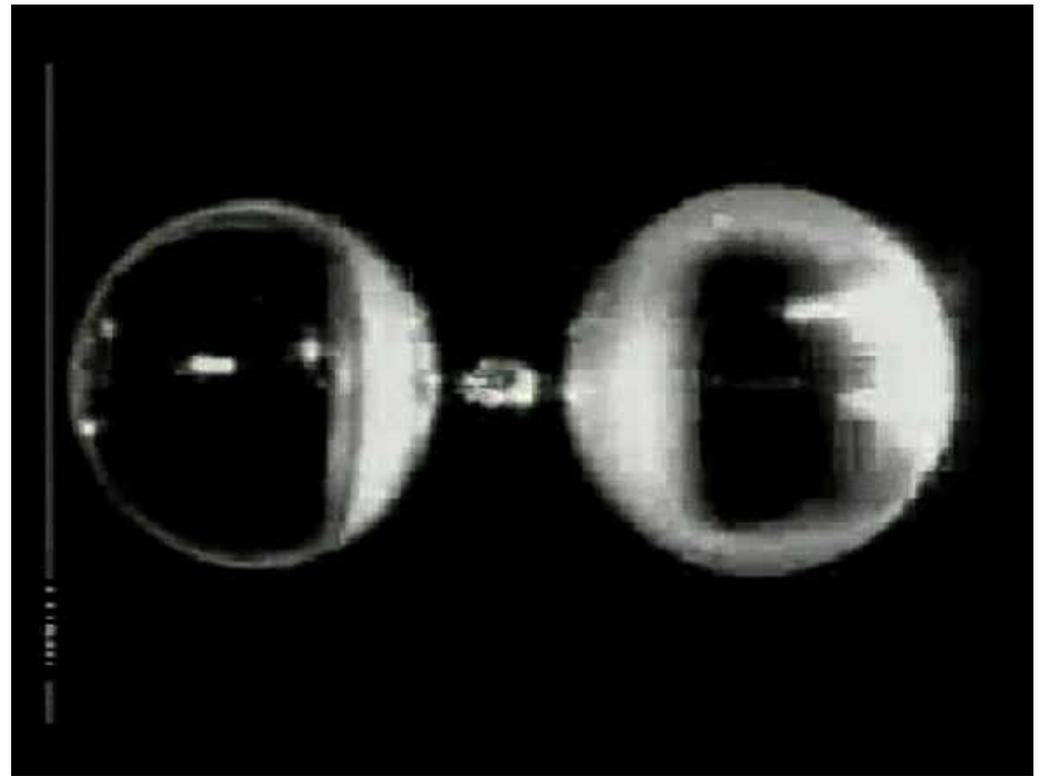
oceans

[oceanos], 2000

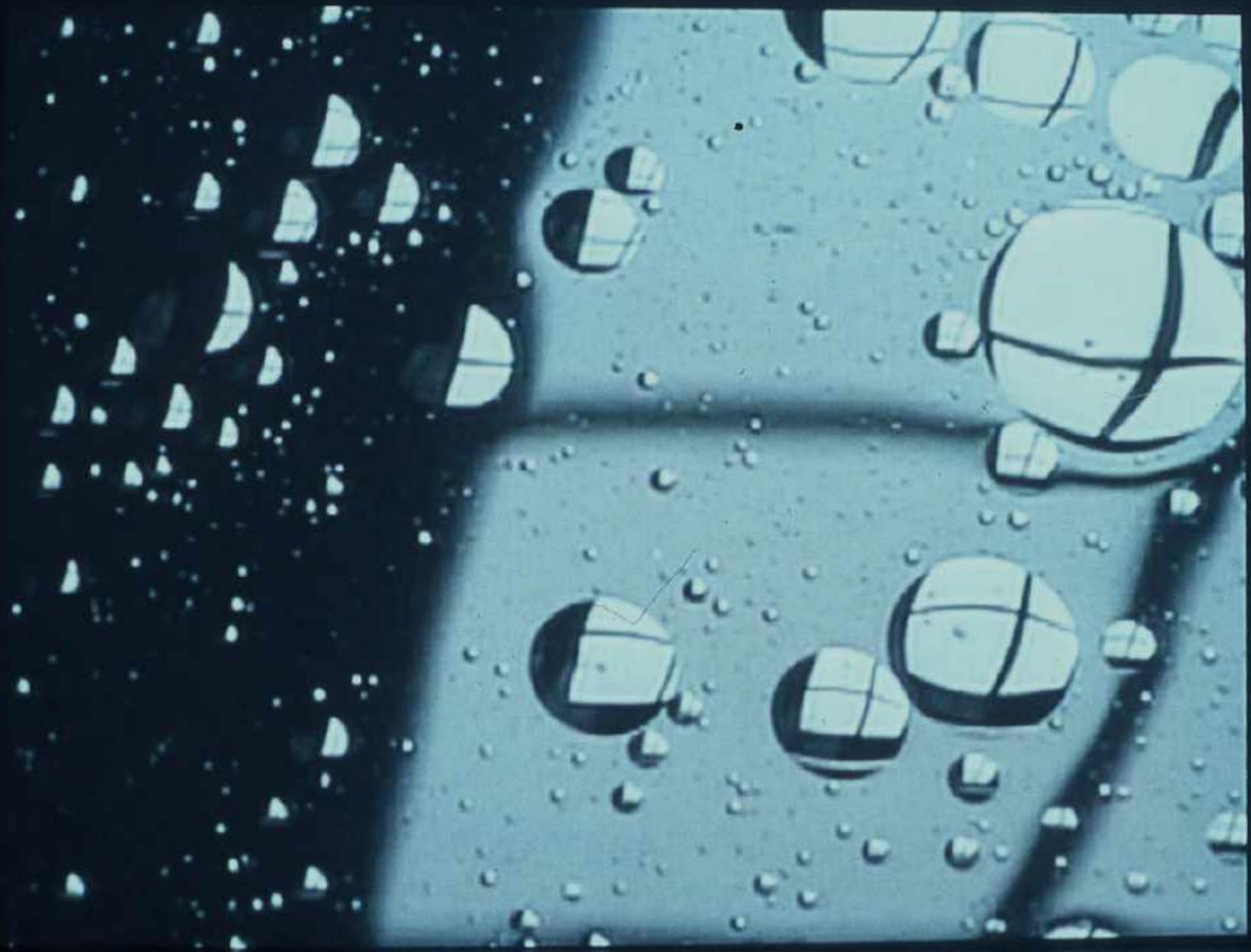
vídeo, 5 min - dimensões variáveis

Henna Asikainen e Silvana Macêdo

*som de :zoviet*france:*



Oceans aponta para os limites indefinidos entre fato e ficção, arte e ciência, crença e verdade. Na sequência do vídeo, imagens de água se movem do espaço microscópico para o macroscópico. Há referências à Europa, uma das luas de Júpiter, e também imagens de vapor de água em Orion e perto de uma supernova, que se misturam com imagens de água que imitam astros celestes. Imagens de micro-experimentos de água em espaço de baixa gravidade e vácuo foram apropriadas de arquivos educativos da NASA. O som foi produzido por :zoviet*france:



the first mild day of march

[O primeiro dia ameno de março], 2001

*projeção no teto de vidro: 35 x 35 cm, segunda projeção:
100 x 100 cm*

*Henna Asikainen e Silvana Macêdo
som de :zoviet*france:*

the first mild day of march foi uma instalação 'site specific' na galeria dos pássaros do Museu de História Natural Hancock, Newcastle. Constituiu-se de som, uma pequena projeção de um pássaro voando no teto de vidro (que podia ser vista através de um telescópio), uma intervenção na iluminação de alguns dioramas, e uma segunda projeção numa parede do primeiro andar da galeria. Esta instalação pode ser vista como uma obra alegórica, pois sua estrutura é construída através de outra pré-existente. A própria coleção do museu também pode ser entendida como uma alegoria, que tenta interpretar o 'livro da natureza'. A instalação complica a legibilidade deste texto alegórico, pois superpõe novos níveis de significado, que frustram o desejo por um significado transparente para os objetos expostos. A intervenção na iluminação dos dioramas evidencia o aspecto não didático da coleção, funcionando como uma leitura específica de narrativas ocultas.'







Réquiem (2000/2018)

Fotografia analógica digitalizada

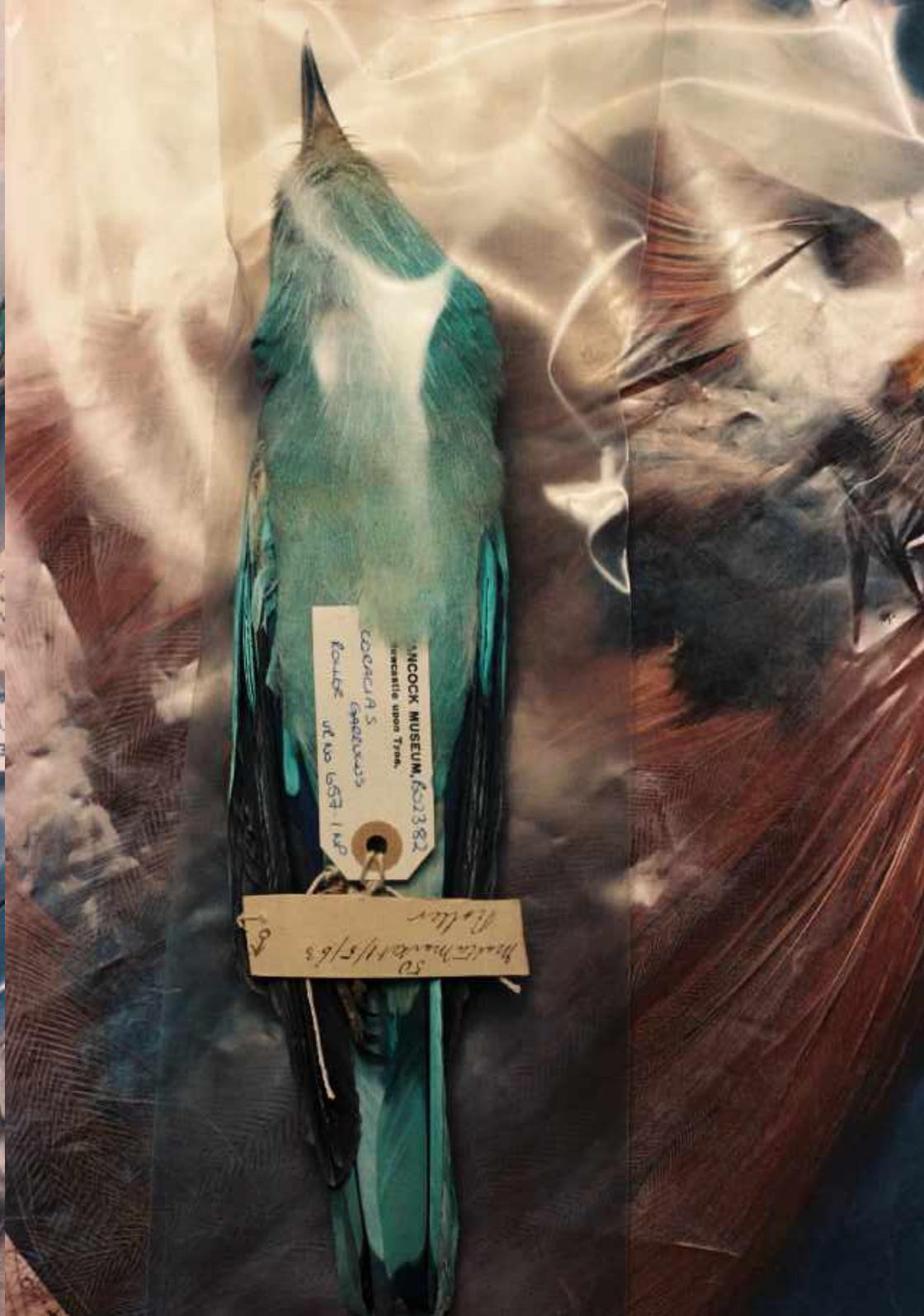
Impressão fine art

Henna Asikainen e Silvana Macêdo

Réquiem consiste de registros fotográficos de pássaros embalsamados, que fazem parte do acervo do Museu de História Natural Hancock, em Newcastle (UK). O esvaziamento da vida que está inbricado na construção de vastas coleções científicas, permeia as melancólicas imagens que soam como um lamento.







SPARROWHAWK.

At first, Sparrowhawks must be kept warm all day and only their father hunts for them. The mother feeds them and by the time they are able to fly, the parents must learn to keep them warm.







air [ar], 2001-2003

Vídeo instalação

Henna Asikainen e Silvana Macêdo

ar é um projeto que nos levou à floresta boreal nórdica na Finlândia e à floresta tropical Amazônica no Brasil. Um dos pontos de partida deste projeto foi o desejo de explorar nossas diferenças culturais e engajá-las com discussões na área de ciência ambiental. Esta foi a idéia central do trabalho de campo desenvolvido durante residências em cada floresta, que formaram a base do projeto ar, através das quais iniciamos um estimulante diálogo com cientistas pesquisadores de mudança climática e o efeito estufa nos hemisférios norte e sul. No inverno de 2001 trabalhamos por um mês no Parque Nacional de Koli, e em junho do mesmo ano estivemos na Reserva Ducke, uma estação de pesquisa do INPA – Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas.

As residências em Koli e na Amazônia foram experiências dramaticamente diferentes.

Os ambientes diametralmente opostos encontrados – a fria, branca e imaculada floresta finlandesa, em contraste com a floresta tropical quente e úmida da Amazônia brasileira – nos levou a uma reflexão mais profunda sobre a intensidade das violentas polarizações destas áreas geográficas.



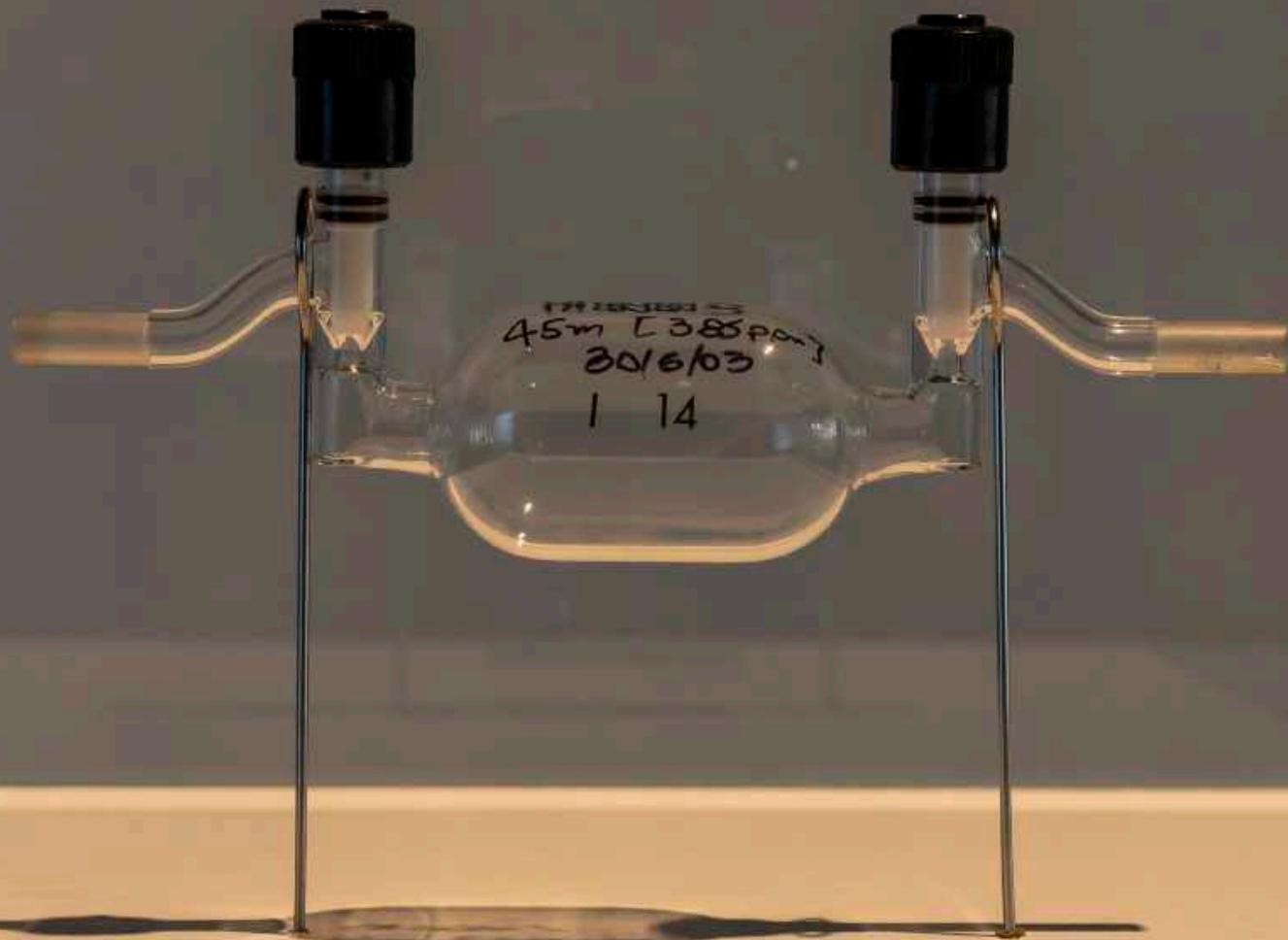


Na ampla escala destas florestas oceânicas existe alguma coisa que as une. Estes territórios aparentemente opostos são colaboradores na íntima imensidão do ambiente global. Esta experiência vivida transformou nossa posição inicial, comparativamente mais analítica, em algo saturado com um sentido mais íntimo, onde nossas histórias pessoais e culturais se tornaram irremediavelmente ligadas a diversos discursos e elementos de pesquisa científica, ecologia, clima e identidade. O ar está estruturado como uma vídeo instalação, constituída de dois vídeos apresentados em salas separadas (mas em diálogo uma com a outra), e um terceiro elemento: um vidro contendo uma amostra de ar coletado na floresta Amazônica. Um dos vídeos mostra a paisagem de inverno da floresta de Koli coberta com grossas camadas de neve, sendo esta uma projeção de maior escala. O segundo vídeo apresenta a exuberante vegetação Amazônica, projetado sobre uma estufa de vidro (há uma tela de projeção no chão da estufa, coberta com uma fina camada de água). A estufa se comporta como um cristal, multiplicando reflexos da projeção nas paredes e teto.

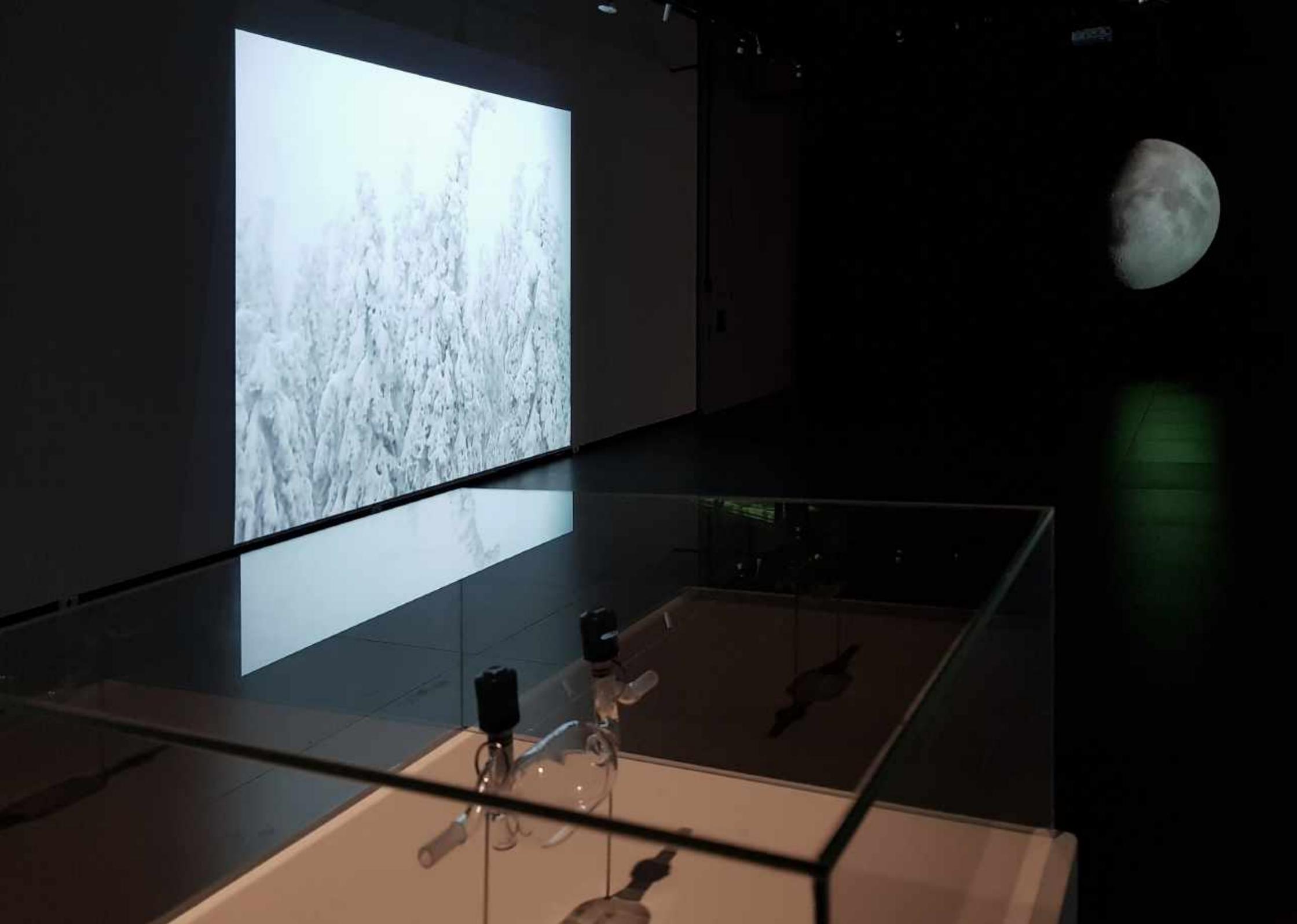








Handwritten text on the glass bulb:
45m [388pam]
30/6/03
1 14



Moon and Oceans [Lua e Oceanos], 2005

v[ideo instalação

Henna Asikainen, Silvana Macêdo e Reza Tavakol

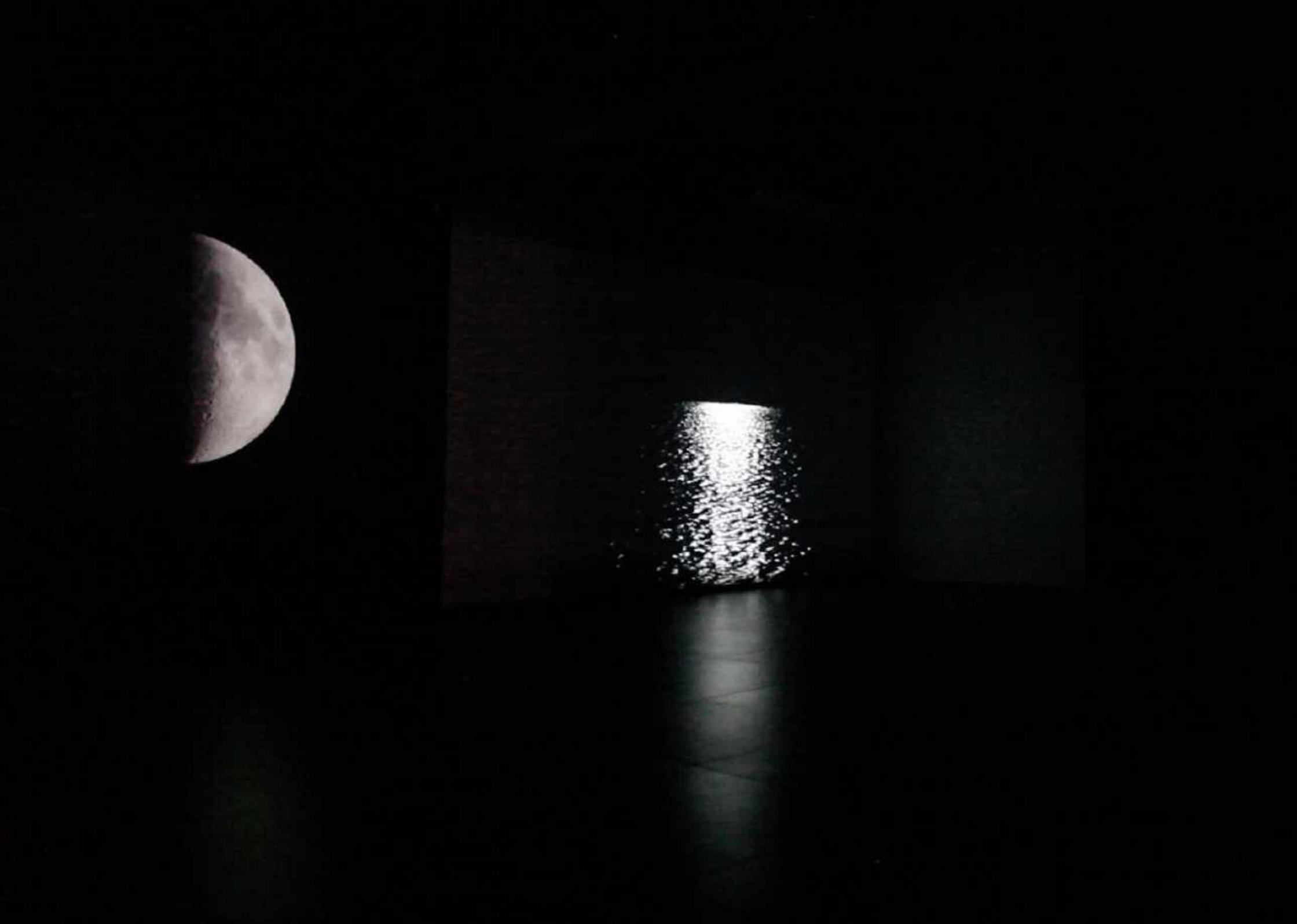
Tendo um oceano entre nós senti tuas mãos nas minhas

Tendo tuas mãos nas minhas senti um oceano entre nós

Cecília Meireles

O projeto Lua e Oceanos originou do encontro entre o cosmólogo Reza Tavakol, as artistas colaboradoras Asikainen & Macêdo e a curadora de novas mídias Iliyana Nedkova. As pesquisas de Tavakol cobrem um amplo espectro, da astrofísica à dinâmica não-linear, mas seu interesse nos aspectos estéticos da ciência é que encontraram ressonância na prática artística de Asikainen & Macêdo, que situa-se na interface entre a arte, ciência e natureza. O conceito do céu e do espaço que ele marca transforma-se com o tempo, adquirindo diferentes significados em diversas culturas e também para pessoas num mesmo momento histórico. O objetivo deste projeto é o de traçar algumas das trajetórias destes conceitos em ambos tempo e espaço. De acordo com idéias modernas a respeito do Universo, o céu visível representa uma imagem de espaço-tempo. Dada a velocidade finita da luz, diferentes fontes luminosas na abóboda celeste podem ser visíveis não apenas em posições diferentes, mas também em tempos distintos – portanto constituindo uma imagem única e em fluxo constante. Esta visão do céu como dinâmico está no centro de nosso projeto.





Cooperari – Relicário Mágico do Imprevisto, 2007

Vídeo instalação

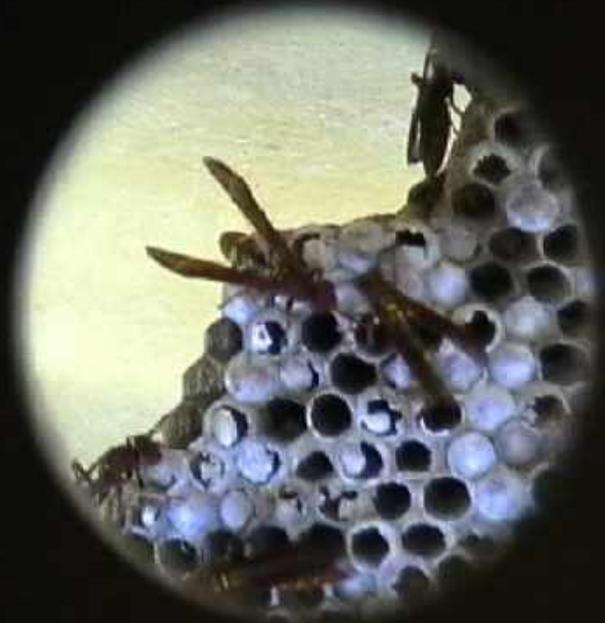
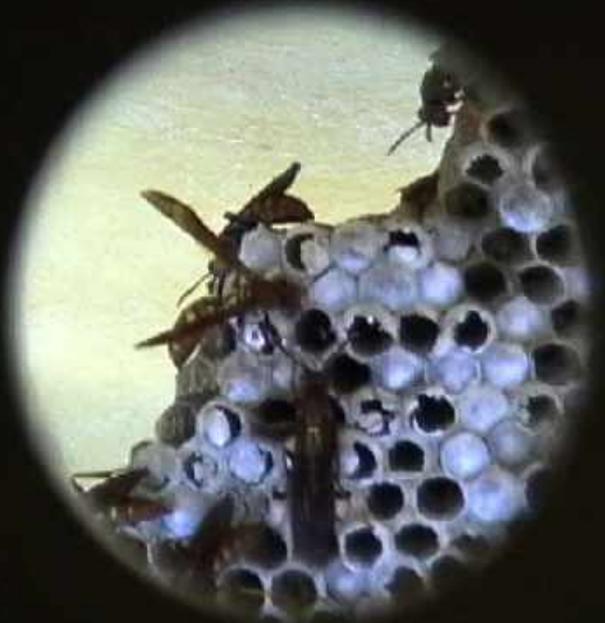
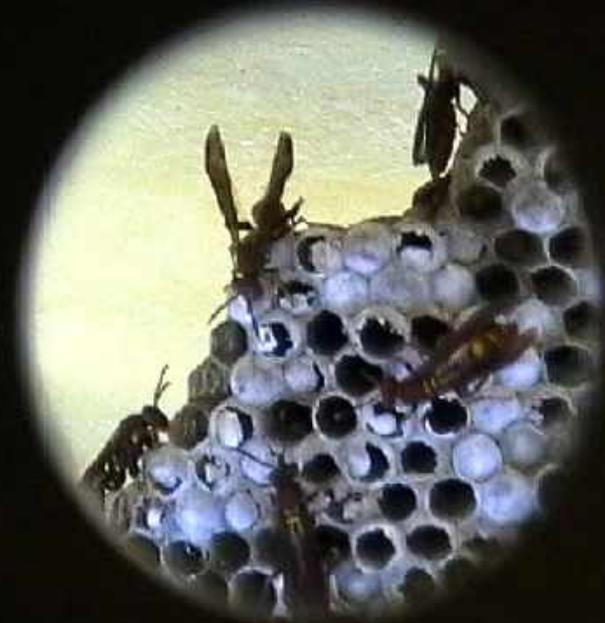
Silvana Macêdo e Frederico Macêdo

A idéia inicial em torno da elaboração de Cooperari vem de uma reflexão sobre a dinâmica (dialética) entre a cultura e a natureza. De fato nenhum termo desta dicotomia cultura/natureza pode ser dissociado do outro, ambos constituem e são constituídos mutuamente. Insetos sociais como centro da obra oferecem um rico campo para se estudar como nossos contextos culturais interferem na maneira como interpretamos o comportamento animal. A abordagem da obra pode ser compreendida como uma tentativa de desconstrução de premissas da sociobiologia, que busca na biologia explicações para o comportamento humano. Ao invés de usar o princípio da competição como o maior determinante evolutivo, Cooperari coloca em evidência o aspecto da cooperação no comportamento animal.









Casa-ninho, 2008

Vídeo instalação sonora e maquete de madeira

Casa-ninho consiste de um elemento escultural: Réplica de uma casa de madeira de uma família residente no Parque Municipal da Lagoa do Peri.

Dentro da casa em miniatura, uma sequência de imagens filmadas na casa original, passam em uma tela que é refletida por um espelho.









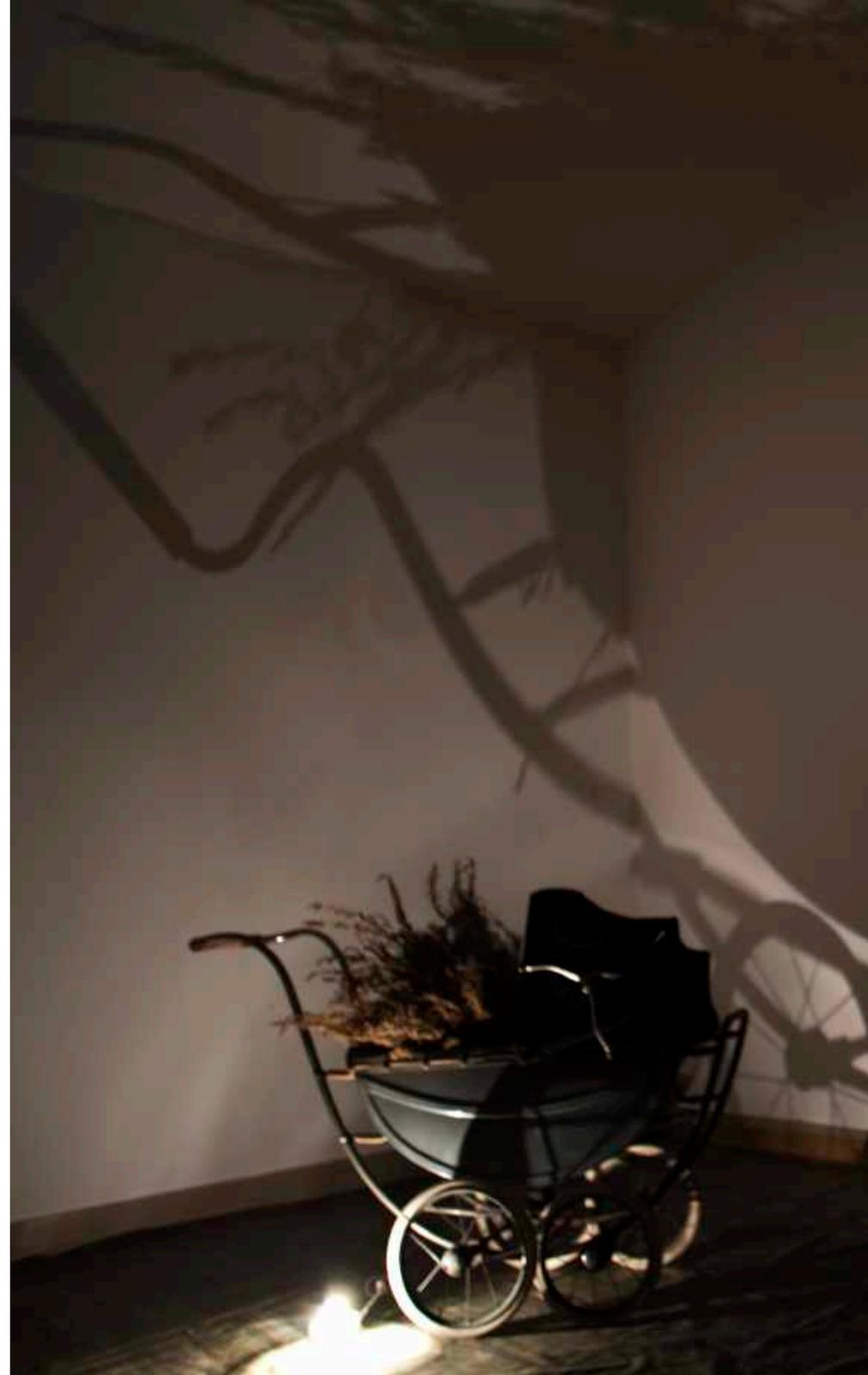


No Silêncio do Coração, 2015

Instalação

Esta instalação faz parte de uma série de trabalhos que venho desenvolvendo a respeito do tema da maternidade. A instalação consiste de um carrinho de bebê, recheado de alecrim (*rosmarinus officinalis*), iluminado de tal forma a criar uma distorcida sombra na parede. O alecrim é considerado uma planta que combate a tristeza, ou seja, usado especialmente em tratamentos para depressão.

A maternidade se mostra aqui como uma dinâmica densa, trabalhosa, às vezes sombria, carregada de afetividade e silêncios. Ao penetrar com mais profundidade nos desafios encontrados na experiência materna real, vivida, pode-se trazer um olhar e uma reflexão mais séria a respeito deste papel, muitas vezes tratado de maneira irrealista e até frívola pela mídia contemporânea.





Teia de Afetos, 2018

Exposição com curadoria Juliana Crispe

A exposição *Teia de Afetos* nasce do olhar materno de Silvana Macêdo, um jeito particular de perceber e sentir o mundo que a transformou no momento em que seu filho chegou em seus braços. Das insignificâncias quotidianas e dos repetitivos gestos diários que envolvem o cuidado materno emergiu uma poesia modesta, uma hipersensibilidade aos pequenos sons e quase imperceptíveis ocorrências. A exposição reúne dois trabalhos, a série fotográfica *Devoção* e a vídeo instalação *Sombra de Névoa*.





Small text label on the wall next to the portrait.

Em *Devoção*, série fotográfica, Silvana partilha fragmentos de sua experiência materna dialogando com o cotidiano de outras duas mães artistas. Ao evidenciar o espaço íntimo destes três lares, o trabalho procura dar visibilidade aos inúmeros pequenos atos devocionais que elas realizam diariamente. Há uma negociação constante entre suas necessidades pessoais e profissionais, com o tempo e o cuidado dedicados a seus filhos. É neste cuidado diário que uma teia invisível de afetos vai se constituindo, sendo ela estruturante para a criação.



Já em *Sombra de Névoa*, vídeo instalação multicanal, Silvana propõe revisitar o passado. A personagem criança penetra num espaço que parece separar a vida e a morte, tentando compreender o grande abismo que se estabeleceu entre ela e sua mãe que já partiu. A fluidez da memória e dos espaços subconscientes são refletidos nas imagens subaquáticas que compõem os vídeos.



*(...) Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...*

Poema Eu, de Florbela Espanca

O vídeo sugere a transcendência temporal e material desta trama delicadamente tecida entre mãe e filho. Entre tantas relações em nossa condição humana, certamente para Silvana, este é um elo que perdura e que ela carrega como uma marca que a atravessa e molda.







Devoção e Sombra de Névoa expõem a intimidade do lugar híbrido entre filha e mãe que a artista ocupa e refletem sobre o impacto do maternalismo em sua vida. Em um ato de alteridade, Silvana também dá ao público a possibilidade de participação na exposição, incluindo fotos de suas mães para compor a um trabalho colaborativo, ampliando sua teia de afetos com imagens e lembranças alheias carregadas de emoções.

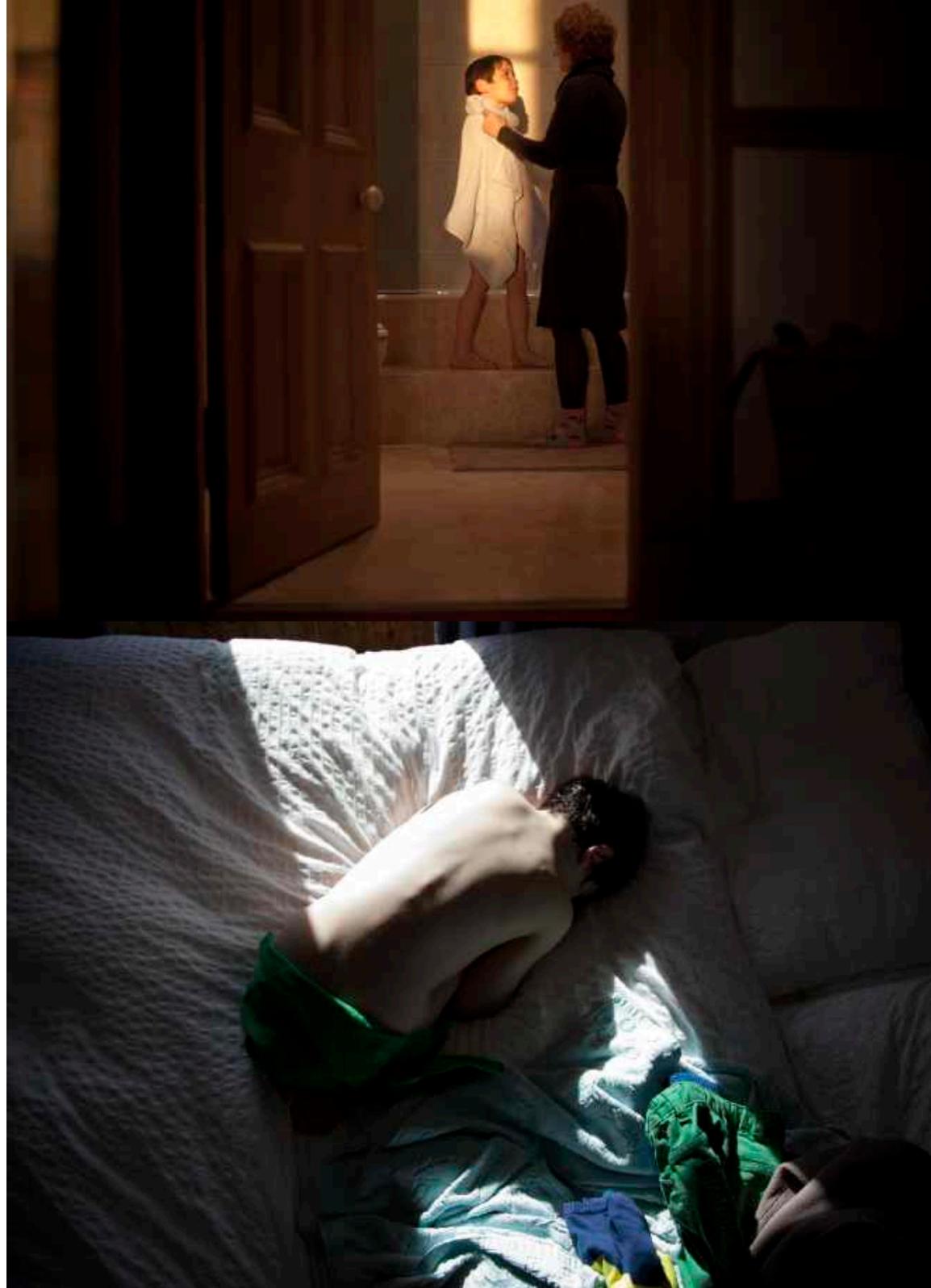
Também, para além de potencializar essas relações de caráter mais intimista, o trabalho nos provoca a observar a experiência de maternar enquanto ato social. Podemos perceber que muitas mulheres conseguem criar seu próprio jeito de ser mãe desfazendo muitas amarras remanescentes de uma ideologia patriarcal, que insiste em reproduzir arcaicas e limitantes relações de gênero historicamente construídas. Ideologias que por séculos ditaram as normas, que oprimiram, desqualificaram e domesticaram a vida de mulheres-mães, de acordo com interesses



masculinos.

Ao romper com modelos pré-estabelecidos, as mães contemporâneas expressam corajosamente sua subjetividade materna, demonstrando que ela pode ser vivida de forma empoderada e enriquecedora. Em atos de escutas atentas, as histórias aqui registradas revelam que há muitas novas e criativas maneiras de ser mãe. Como ato político, o trabalho de Silvana Macêdo se alinha com o de outras mulheres mães que refletem, flexionam e questionam seus papéis na contemporaneidade.

Texto de Juliana Crispe e Silvana Macêdo





Entranhas, 2017-2018

Exposição de Silvana Macêdo com curadoria de Juliana Crispe

Entranhas. Ou o corpo virado do avesso?

As obras que compõem a exposição *Entranhas* de Silvana Macedo constituem autorretratos que carregam histórias de um corpo marcado pela interferência de uma doença auto-imune (Lupus Eritematoso Sistêmico), e sua persistente busca pela cura.

Ao se apropriar de ilustrações de livros de anatomia humana como referência, a artista transforma imagens científicas em fluidas paisagens interiores. Os órgãos, tecidos e células se confundem ora com elementos estruturais de plantas (folhas, galhos, raízes) ora com ambientes subaquáticos. Fora e dentro se espelham revelando uma continuidade entre o corpo e a natureza da qual faz parte.



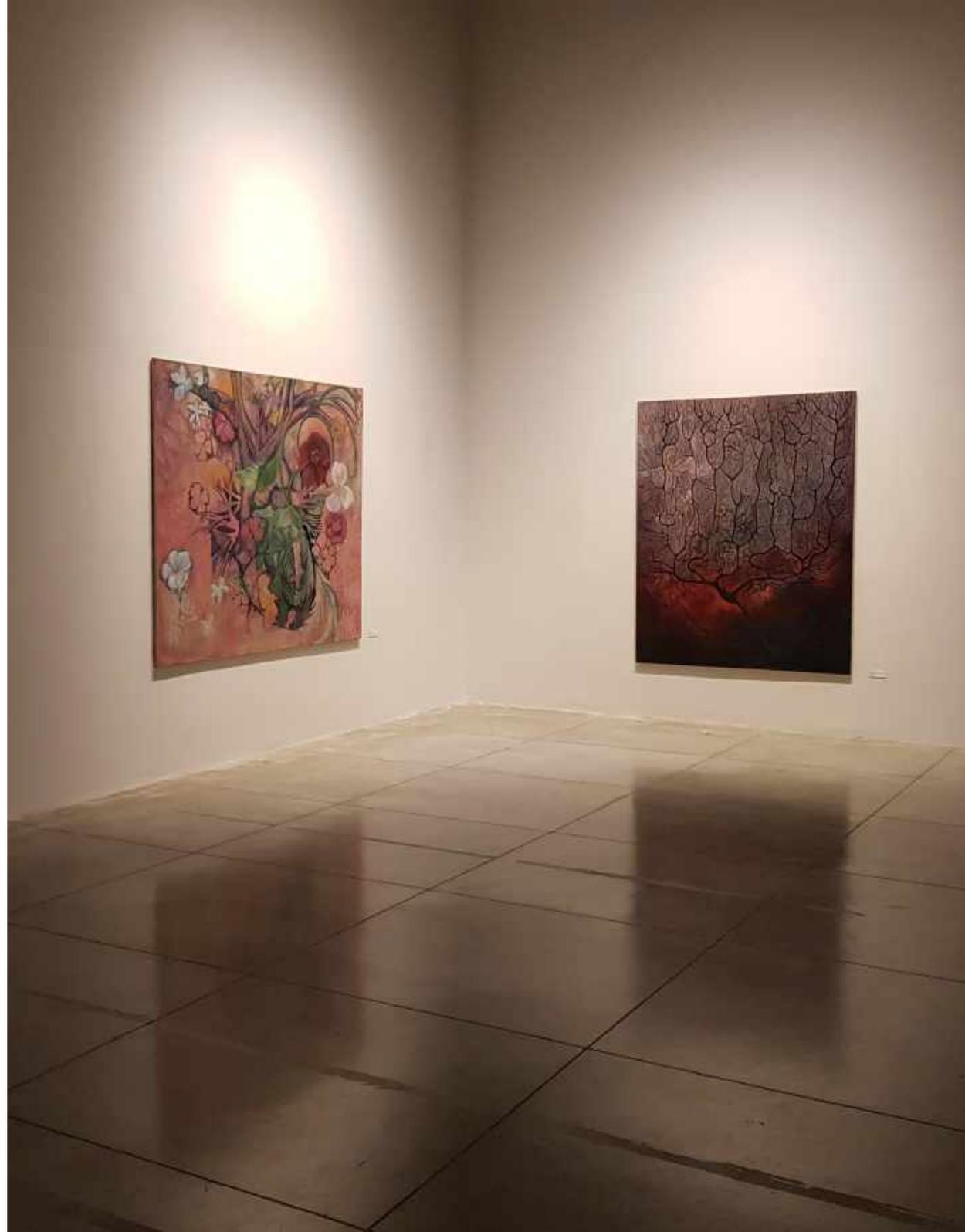




Mergulhar em suas *Entranhas* para reconhecimento do que a torna matéria de seus próprios estudos é o que Silvana realiza. Das profundezas de si, pulsa a vida e um desejo de autoconhecimento, em busca de ressignificar as marcas da sua biografia em seu corpo. Uma doença auto-imune afinal, é um conflito de identidade, um estranhamento do corpo por si mesmo, gerando uma guerra interior no íntimo de suas vísceras. Células inumo-incompetentes atacam órgãos vitais por um erro de reconhecimento.

O que habita este corpo está em constante processo, em busca de novas paisagens desmaterializadas e atravessadas pela intemporalidade, que se faz presente em múltiplas dimensões. A artista permite-se viajar fora do tempo retilíneo, em uma vivência não linear, pois percebe que ele, o tempo, pertence a tudo que foi, que é e a tudo que será, pois viver é permitir se perfurar nesse entre-tempo.

Texto de Juliana Crispe



Mácula, 2017-2018

Exposição de Silvana Macêdo com curadoria de Juliana Crispe

A série é composta por pinturas em nanquim, gravura em metal e performance (vídeo de documentação). Aqui, Silvana Macêdo continua investigando as relações corporais que vibram em si a partir da sua relação com a condição do Lupus Eritematoso Sistêmico.

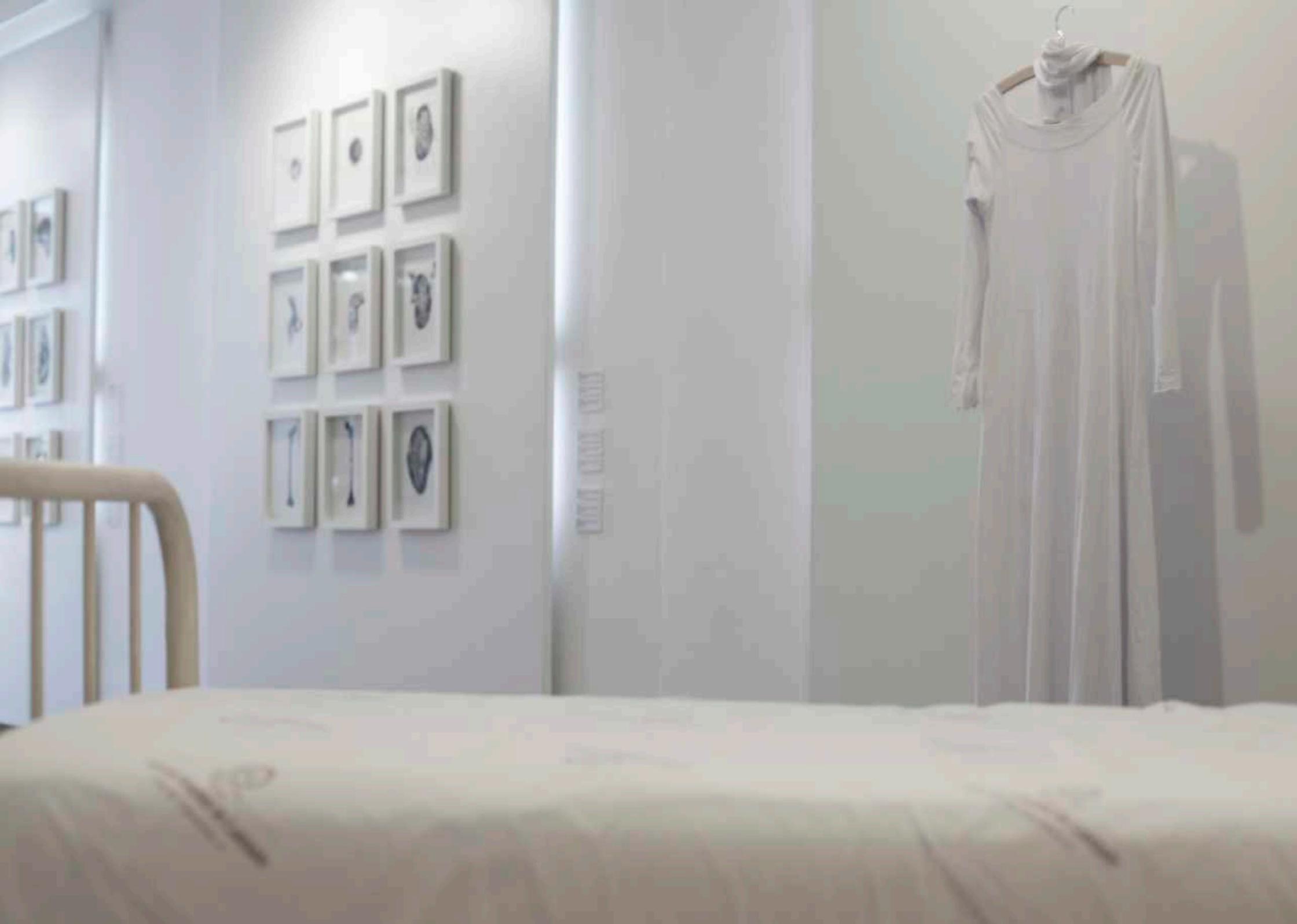
Os órgãos representados nas pinturas em nanquim, assumem, através da fluidez dos efeitos plásticos das aguadas, um aspecto delicado que nos remetem à sua fragilidade e vulnerabilidade. Nas gravuras em metal, as imagens de quatro órgãos: coração, baço, timo e rim, sofrem um gradual processo de descoloração, que nos faz pensar no desejo de transmutação e limpeza.



PERDÃO







PERFERO







John Hayashi, M.D.
Anatomical Series: Kidney (1840-1845)
No. 1, 2, 3, 4, 5
1841



Na performance *Maculada*, Silvana marca em seu corpo pontos sensíveis carregados de memória, que durante a performance tenta apagar com gestos angustiantes. Deste ato, o que fica em exposição pós ação é apenas o resquício. Uma instalação com móveis hospitalares, bulas e caixas de remédios, são fragmentos que reverberam a experiência desse corpo para além.

Portanto, as obras representam não só um estudo anatômico, mas se constituem de densas matérias que partem do vivido, da carne, entrelaçando aspectos físicos e psíquicos da vida da artista. De corpo e alma, num frágil e poroso equilíbrio, as marcas corporais fazem parte de um fluxo entre dor, perdão, amor e desejo de viver.

Texto de Juliana Crispe



